



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

KARLA MARIA DOS SANTOS ARAÚJO

**LEITURA E ESCRITA DO CORDEL A PARTIR DE LENDAS: ANÁLISE DE UMA
EXPERIÊNCIA APLICADA NO 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE
2023**

KARLA MARIA DOS SANTOS ARAÚJO

**LEITURA E ESCRITA DO CORDEL A PARTIR DE LENDAS: ANÁLISE DE UMA
EXPERIÊNCIA APLICADA NO 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras
Português da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras - Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Lucia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A6631 Araújo, Karla Maria dos Santos.
Leitura e escrita do cordel a partir de lendas [manuscrito] : análise de uma experiência aplicada no 6º ano de ensino fundamental / Karla Maria dos Santos Araujo. - 2023.

47 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Literatura de cordel. 2. Lendas. 3. Práticas de leitura e escrita.

I. Título

21. ed. CDD 398.5

FOLHA DE APROVAÇÃO

KARLA MARIA DOS SANTOS ARAÚJO

LEITURA E ESCRITA DO CORDEL A PARTIR DE LENDAS: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA APLICADA NO 6º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 22/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Prof. (a) Dr (a). Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Iara Francisca Araújo Cavalcanti

Prof. (a). Dr (a). Iara Francisca Araújo Cavalcanti
Universidade (UEPB)

Monalisa Barboza Santos Colaço

Prof. (a) Dr (a). Monalisa Barboza Santos Colaço
Universidade (UEPB)

A minha família, e ao meu colega de curso
Ismael Ferreira pelo o apoio e
companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus pela força, coragem e determinação para concluir este curso. Também não posso esquecer do meu colega de curso, Ismael Ferreira, que me ajudou bastante com apoio, compreensão e companheirismo, principalmente no tempo da gravidez e no pós-parto, auxiliando nas atividades acadêmicas.

Ao CNPQ, por ter me oportunizado participar do programa PIBID, o qual contribuiu muito para minha formação acadêmica.

E, por fim, à minha orientadora, Ana Lúcia Maria de Souza Neves, por ter a paciência de me orientar e caminhar comigo neste trabalho.

O cordel não nasceu registrado, ele nasceu
do ouvir, do falar.

(Leandro Gomes)

RESUMO

O presente estudo realiza uma análise crítica da experiência com o gênero literário cordel, através de uma sequência didática desenvolvida em uma turma do 6º ano do ensino fundamental, em uma escola pública do município de Alcantil-PB. O objetivo central da experiência desenvolvida foi analisar o desempenho dos alunos na leitura e produção do gênero cordel, a partir de atividades propostas. A pesquisa realizada corresponde a uma pesquisa-ação, a partir de uma sequência didática com o propósito de responder à questão problema sobre: Qual a recepção dos alunos do 6º ano de um trabalho de leitura e produção de cordéis a partir de lendas folclóricas?. Como pressuposto teórico utilizamos Cosson (2009), Abreu (2006), Freire (2002), Vygotski (2002), dentre outros. A prática da leitura e da escrita do cordel se constituiu como um momento rico e significativo para as crianças ao estabelecermos uma interlocução com o tema das lendas conhecidas dos alunos.

Palavras- chave: Cordel. Lendas. Práticas de Leitura e Escrita.

ABSTRACT

This study presents a critical analysis of the experience with the cordel literary genre through a didactic sequence developed in a 6th-grade class of elementary school in a public school in Alcantil, PB. The main objective of the developed experience was to analyze the performance of the students in reading and producing cordel literature based on proposed activities. The conducted research corresponds to an action research, based on a didactic sequence with the purpose of answering the problem question: What is the reception of 6th-grade students towards a reading and production project of cordel literature based on folklore legends? As theoretical assumptions, we utilized Cosson (2009), Abreu (2006), Freire (2002), Vygotski (2002), among others. The practice of reading and writing cordel literature provided to be a rich and meaningful experience for the children as it established a dialogue with the theme of legends familiar to the students.

Keywords: Cordel. Legends. Reading and Writing Practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Processo de leitura e escrita do cordel.....	31
Figura 2 –	Processo de produção do cartaz para apresentação em sala	32
Figura 3 –	Apresentação em sala dos cordéis	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Sequência básica.....	20
Quadro 2 -	Sequência expandida.....	20

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

SD Sequência Didática

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1	Letramento literário e a valorização da cultura popular.....	14
2.2	Aspectos históricos da literatura popular.....	16
2.3	O cordel e as lendas na sala de aula.....	18
3	METODOLOGIA.....	19
3.1	Contextualização do campo de pesquisa.....	19
3.2	Proposta para aplicação.....	19
3.3	Descrição da sequência didática aplicada.....	19
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	25
4.1	A recepção pelos alunos da proposta de trabalho com o cordel e as lendas.....	25
4.2	Experiências com a leitura do cordel e da lenda a partir do interacionismo.....	27
4.3	Leitura das lendas.....	29
4.4	Análises das atividades desenvolvidas em cada aula/ práticas de produção textual com o gênero literário cordel.....	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
	REFERÊNCIAS.....	36
	APÊNDICE A – CORDEL DA CUMADE FULOZINHA	37
	APÊNDICE B – CORDEL DA VITÓRIA-RÉGIA	37
	APÊNDICE C – CORDEL DO VELHO DO SACO	38
	APÊNDICE D – CORDEL DA IARA	39
	APÊNDICE E –SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA	39
	ANEXO A – A MULA SEM CABEÇA	46
	ANEXO B – A LENDA DO CURUPIRA	46

1 INTRODUÇÃO

Abordar o estudo de gêneros literários na escola não é uma tarefa fácil, visto que muitas vezes os alunos chegam no ensino fundamental II sem a prática de leitura do texto literário de maneira significativa.

Consciente dessa situação, o docente precisa encontrar metodologias de ensino que envolvam a leitura e a produção textual de forma prazerosa e significativa para o aluno, partindo do que ele conhece e, sem cobrar atividades engessadas, estimular o trabalho em grupo e a participação ativa de cada aluno na leitura, escrita, encenação, dentre outras atividades criativas e instigantes para o educando.

Nesse sentido, essa pesquisa procura analisar a recepção dos alunos do 6º ano de uma escola pública durante o trabalho de leitura e escrita de cordéis a partir de lendas conhecidas dos alunos. O objetivo geral deste trabalho consiste analisar o desempenho dos alunos na leitura e produção do gênero cordel, a partir das atividades propostas. Como objetivos específicos buscamos abordar o gênero cordel e sua importância com a cultura popular nordestina; conhecer e valorizar a cultura popular; refletir sobre a desvalorização e a marginalização do gênero cordel.

O presente estudo surge de minha experiência pessoal em sala de aula, a qual tem revelado o interesse dos alunos por histórias populares, transmitidas pelos seus pais e avós. Isso porque a maioria dos estudantes que trabalhamos são da zona rural, localidade onde esse contato com as narrativas orais ainda está presente. Nesse sentido, escolhemos explorar a leitura de cordéis e proporcionar aos alunos uma ampliação dos conhecimentos sobre cultura, valores e costumes da região Nordeste onde vivem.

Além disso, esse procedimento metodológico está também respaldado em minha experiência, durante a graduação, no PIBID ¹(Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) em um dos projetos exitosos desenvolvidos na escola, o projeto envolveu a leitura do gênero cordel, ação docente que foi decisiva também para o interesse em desenvolver outras práticas de leitura com o referido gênero. Para tanto, destacamos como meta o que afirma Rojo (2009, p. 115): “a escola formará um cidadão flexível, protagonista e multicultural em sua cultura”. A opinião da estudiosa aponta para a necessidade de tornar a sala de aula um ambiente no qual o aluno participe ativamente do processo ensino aprendizagem, reconhecendo a

¹ O projeto “Versos que Contam” foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Vital do Rêgo, localizada na cidade de Queimadas-PB.

diversidade cultural existente a sua volta e promovendo o respeito a esta diversidade.

É importante destacar que o planejamento das aulas, a execução e a posterior análise, que resultou neste trabalho monográfico, foram embasados também nas contribuições teóricas de autores estudados durante a graduação no que diz respeito à leitura, teoria literária, escrita e oralidade. Dentre esses estudiosos, destacamos: Irandé Antunes, Paulo Freire, Rildo Cosson, Roxane Rojo e Vygotsky.

Ressaltamos, também, que a pesquisa realizada corresponde a uma pesquisa-ação na qual o pesquisador, que também participa como agente no campo de pesquisa, implementa, em um dado contexto, um dado produto, serviço, ferramenta, proposta, no caso deste trabalho, uma sequência didática. O propósito deste estudo foi responder à questão problema: Qual a recepção dos alunos do 6º ano em relação ao trabalho de leitura e produção de cordéis a partir de lendas conhecidas?.

Para tanto, o presente trabalho encontra-se desenvolvido em três tópicos essenciais: inicialmente, no primeiro tópico, abordamos aspectos relacionados à fundamentação teórica, no qual apresentamos o letramento literário e a valorização da cultura popular. Posteriormente, situamos o leitor quanto aos aspectos históricos da literatura popular e, por fim, o cordel e as lendas trabalhadas na sala de aula. No segundo tópico, temos a metodologia, no qual é exposto a contextualização do campo de pesquisa, a nossa proposta de aplicação e as descrições da sequência didática. Por último, temos a análise dos dados, no qual expomos a recepção pelos alunos da proposta de trabalho com o cordel e as lendas, as experiências com a leitura do cordel e das lendas a partir do interacionismo social, e, em seguida, temos o subtópico sobre a leitura das lendas, para, por fim, apresentarmos a análise das atividades desenvolvidas durante a produção textual.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para uma compreensão mais ampla sobre o que pode ser trabalhado em sala de aula com o gênero cordel e lendas, com o intuito de valorizar a cultura popular, foram utilizados autores como Silva (2013) e Souza (2014), que abordam questões relativas à utilização do cordel em sala de aula; Rojo (2009) e sua abordagem sobre letramentos múltiplos e a inclusão social e, por fim, Cosson (2009) e Vygotsky (2002) também foram importantes por trazer reflexões extremamente relevantes sobre o ensino de literatura.

Assim, com base neste corpo teórico, o estudo visa analisar a importância de trabalhar o gênero cordel para valorizar a cultura popular em sala de aula, com base numa experiência concreta no contexto escolar.

2.1 Letramento literário e a valorização da cultura popular

Cosson (2009) nos apresenta que o aluno deve, em contato com a literatura, ser capaz de identificar o seu mundo e seu cotidiano. Ele afirma que a literatura precisa ser uma prática viva em sala de aula. É importante que o professor inicie pelo que é conhecido do aluno para o desconhecido. Assim, o aluno poderá construir sentidos significativos para a vida. Cosson apresenta na obra *Letramento Literário* duas metodologias para o trabalho com a literatura em sala de aula, visto que, na sua perspectiva, dada a importância da leitura literária, é preciso que haja uma metodologia adequada para ser utilizada pelos docentes. Estas duas metodologias são a sequência básica e a expandida, como veremos mais à frente.

De acordo com Rojo, novos tempos exigem novos letramentos. A autora teoriza sobre o conceito de multiletramentos, quando diz que:

É importante ressaltar o que os autores definem por multiletramentos: “trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos” (ROJO, 2009, p. 8).

A estudiosa nos apresenta propostas que partem do universo dos alunos, implicando a imersão e o reconhecimento da prática crítica e analítica do aluno. Ela ressalta, ainda, que a prática multiletrada vai além do conceito de letramentos múltiplos (que se refere à

multiplicidade e variedade das práticas letradas reconhecidas ou não pelas sociedades), já que o multiletramento, no seu entender:

Aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: **a multiplicidade cultural das populações** e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (2009, p. 13; *grifo nosso*).

Essa sua reflexão é bem atual e importante para a prática escolar, pois é necessário levar em consideração que as produções culturais que estão à nossa volta, hoje, são um conjunto de textos híbridos de diferentes gêneros, campos e de produtores variados.

Com base nessas reflexões, utilizando a cultura popular nordestina nas discussões literárias em sala, priorizamos os conhecimentos dos alunos, envolvendo-os de forma mais precisa com as análises e reflexões. Foi exatamente isso o que foi feito em sala e que será abordado no trabalho em questão, como veremos na posterior análise: ângulos nordestinos envolvidos em produções textuais de cordéis com a temática das lendas populares, em um contexto de ensino de uma escola pública.

Em *Cultura letrada*, Márcia Abreu (2006) apresenta uma reflexão interessante sobre a beleza de sentido estético na literatura popular e mostra como os gostos literários variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, etc. Nessa perspectiva, para o trabalho com o cordel no ensino fundamental é imprescindível criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, em que os alunos sintam-se instigados a ler.

Conforme ressalta a autora, o cordel, por retratar elementos cotidianos dos indivíduos e o conseqüente interesse dos mesmos devido a esse fato, derruba o estereótipo de que o brasileiro não lê e não tem interesse pela cultura. Muita gente pensa assim e generaliza bastante esse aspecto. No entanto, Márcia Abreu (2006) enfatiza:

Quem pensa assim talvez não conheça o mundo dos folhetos de cordel, vendidos baratinho em feiras, festas e mercados. Em meados do século passado, período de auge dos folhetos, era possível vender milhares de exemplares, se o assunto fosse bom. Folhetos sobre a morte de Getúlio Vargas venderam 200 mil exemplares; sobre a renúncia de Jânio Quadros, 70 mil; sobre a morte de Lampião, 50 mil. Para que você tenha uma ideia do que isso significa, é preciso saber, por exemplo, que o grande sucesso de Jorge Amado, Gabriela, cravo e canela, vendeu 20 mil exemplares em sua 1ª edição, em 1958 – o que foi visto por todos como uma venda extraordinária. Livros menos atrativos, escritos por autores de menor destaque e com investimento em propaganda menos intenso, não passavam dos 1.000 exemplares em uma primeira edição. (ABREU, 2006, p. 52-53)

De acordo com a autora, as vendas de folhetos hoje em dia são menores que outrora, mas houve um tempo em que até os analfabetos compravam folhetos, esperando encontrar alguém que pudesse lê-los em voz alta. Isto é, até quem não sabia ler, se interessava pelo conteúdo do que estava escrito nos folhetos que, no seu entendimento, falava de si, do seu povo, da sua cultura. E, por isso, importava.

Assim, visando aspectos contextuais-regionais-culturais e o desenvolvimento do letramento literário dos discentes, o trabalho em questão baseia-se na aplicação de um projeto com alunos do ensino fundamental anos finais visando utilizar elementos regionais como lendas típicas da região e cordéis (gênero popular no Nordeste) para instigar o gosto e o interesse do aluno pela leitura e produção textual.

2.2 Aspectos históricos da literatura popular

A tradição da literatura oral popular é de uma antiguidade admirável e continua a florescer nos tempos atuais. No seio dessa tradição reside o cordel, uma forma de comunicação universal que teve origem na Europa com o advento da imprensa e, desde então, seguiu um padrão. Foi durante os séculos XI e XII, na Idade Média, que esse gênero de literatura popular começou a se disseminar por toda a Europa. O crescimento dessa forma de literatura, transmitida preferencialmente de forma oral, ocorreu com o aprendizado das várias línguas nacionais, utilizadas pelo povo em oposição ao latim, língua das elites.

As máquinas impressoras irradiam para a extensão desse tipo de literatura, alcançando um público de leitores mais abrangente. Na Espanha, as folhas soltas de Cordel eram chamadas de "pliego suelta"; na Inglaterra, "chapbook"; na França, "literatura de colportage"; e em Portugal, esses livretos receberam denominações diversas, tais como: "folhetos", "folhetos volantes", "literatura de cegos" e, por fim, "cordel-cordel", pois as folhas eram penduradas ou dobradas em barbantes para atrair a clientela.

No entanto, é importante destacar que os folhetos nordestinos possuem suas particularidades e não estão diretamente ligados ao cordel europeu. De acordo com Márcia Abreu (1999), é um equívoco considerar o cordel como uma mera extensão do cordel europeu. Embora tenham surgido em contextos semelhantes, esses folhetos desenvolveram-se de forma independente e adquiriram características próprias, moldadas pelas tradições e vivências do povo nordestino. A autora aponta o seguinte:

A apregoada filiação dos folhetos nordestinos à literatura de cordel portuguesa,

embora não se sustente após uma comparação atenta, faz parte do senso comum, chegando parecer natural. Essa naturalidade assenta-se em pressupostos oriundos da relação colonial mantida entre Portugal e Brasil. O imaginário das elites ocidentais construiu o “mito colonizador” como um ser culturalmente superior a quem cabe oferecer aos colonizados uma língua, uma religião, uma literatura, uma maneira de ver, pensar e organizar o mundo. (ABREU, 1999, p. 125).

Ainda que exista consenso sobre as influências mútuas entre o cordel brasileiro e o português, especialistas como Márcia Abreu contestam a noção de uma relação essencial entre essas produções. Abreu, por exemplo, critica a visão de estudiosos que consideram a literatura de folhetos portuguesa como a "fonte, origem ou matriz principal" do cordel brasileiro. Na sua tentativa de refutar essa perspectiva, Abreu argumenta que a semelhança na qualidade material dos livretos brasileiros em comparação com a produção portuguesa não deve ser utilizada como critério para estabelecer a origem do cordel brasileiro. A pesquisadora sustenta que essas semelhanças na materialidade surgiram de desafios socioeconômicos similares, resultando em soluções parecidas. (ABREU, 1999, p. 134). A autora ainda acrescenta que:

A vida nordestina parece ser o palco e a fonte dos folhetos. Embora não haja restrições temáticas, essa produção sempre esteve fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas e seu público, desde as primeiras produções. Mais da metade dos folhetos impressos nos primeiros anos continham “poemas da época” ou “de acontecido”, que tinham como foco central o cangaceirismo, os impostos, os fiscais, o custo de vida, os baixos salários, as secas e a exploração dos trabalhadores. (ABREU, 1999, p. 119-120)

Márcia Abreu em *Histórias de cordéis e folhetos* (1999) examina a origem dos cordéis na Europa, mas também, como podemos ver acima, enfatiza a independência e as particularidades dos folhetos nordestinos em relação ao cordel europeu. A autora explora as influências culturais, tradições e vivências do povo nordestino que moldaram os folhetos, tornando-os uma expressão única da cultura popular brasileira.

Um dos aspectos mais marcantes desse gênero é o fato de ser uma poesia narrativa, impregnada de um personagem popular, onde os cordelistas contam histórias com uma riqueza de detalhes inigualável através de versos. Curiosamente, o cordel se disseminou intensamente no Nordeste brasileiro, uma região rica em manifestações culturais. O cordel sofreu diversas transformações ao chegar ao Brasil, uma vez que aqui nunca houve a produção de cordéis escritos em prosa, como ocorreu em Portugal. Toda a nossa produção se deu exclusivamente em versos, que trazem como características uma das variantes linguísticas do Brasil, presente

no discurso do homem camponês.

O marco inicial da poesia popular nordestina impressa tem início com o paraibano Leandro Gomes de Barros, considerado o mais famoso poeta popular. Isso se deve ao fato de que "não há dúvida de que, até hoje, nenhum outro poeta da literatura de cordel conseguiu igualar-se, tanto na qualidade dos versos quanto na penetração popular" (SOUZA, 2014 Apud LUYTEN, 1992, p.53-54). A partir disso, uma literatura de cordel se propagou pelo Nordeste na forma de folhetos, por volta de 1890. Após 1910, outros nomes de autores de folhetos inspirados, como Antônio Guedes, João Martins de Athayde, Antônio da Cruz, José Adão Filho, Laurindo Gomes Maciel, Manoel Caboclo e Silva e Antônio Gonçalves Dias, entre outros.

2.3 O cordel e as lendas na sala de aula

O cordel, como já dissemos, vem da tradição oral e popular. No entanto, faz-se necessário refletir como entendemos a cultura popular, suas práticas culturais, valores, costumes e riso, para desconstruirmos o estereótipo que pesa sobre as suas manifestações e, principalmente, sobre o texto de cordel. Para entendermos esse universo cultural é necessário um mergulho nos modos de vida de quem a produz. Isso porque, como nos diz Maria Inez Ayala, "a cultura popular é um fazer dentro da vida" (2003, p. 95). Desse modo, não basta incluir os cordéis no âmbito escolar, faz-se necessário pensar em propostas adequadas de utilização deste gênero. É importante refletir sobre a metodologia de abordagem, a fim de que os folhetos sejam realmente utilizados com o propósito fundamental que é o de possibilitar o trabalho com os mesmos através do aspecto lúdico e criativo.

Na experiência que desenvolvemos em sala de aula, além do cordel, propomos a leitura também de lendas, que os alunos conheciam, pois comumente a escola trabalha este gênero ao estudar sobre o folclore brasileiro. O problema é que as lendas só são estudadas no período comemorativo ao folclore. Ao contrário dessa prática, é importante mostrar aos alunos que os gêneros orais estão sendo retomados no presente e são representados em gêneros textuais e midiáticos diversos, dentre esses HQs, filmes e séries. Exemplos dessa atualização das lendas são: a série da Netflix *Cidade invisível* (2021); O Programa *Vou te contar* (2006), do canal Futura; *Lendas animadas* (2018), apresentado por Gabriel Godoy e oferecido pela *Amazon Prime Vídeo*. No caso da minha proposta, planejou-se aproximar as lendas e o cordel como gêneros onde as marcas da oralidade estão presentes.

3 METODOLOGIA

3.1 Contextualização do campo de pesquisa

A sequência didática foi aplicada em minha turma do 6º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Agostinho, localizada na cidade de Alcantil-PB. Os alunos tinham em torno de 11 anos e pertenciam, em sua maioria, à família de trabalhadores, pequenos agricultores, trabalhadores domésticos e da construção civil.

O objetivo central da experiência desenvolvida foi analisar o desempenho dos alunos na leitura e produção do gênero cordel, a partir de atividades propostas. A pesquisa realizada corresponde a uma pesquisa-ação, isto é, uma metodologia que permite ao pesquisador, o qual também participa como agente no campo de pesquisa, implementar, em um dado contexto, um dado produto, serviço, ferramenta, proposta, no caso deste trabalho, uma sequência didática com o propósito de responder à questão problema sobre: Qual a recepção dos alunos do 6º ano de um trabalho de leitura e produção de cordéis a partir de lendas folclóricas?.

Além disso, no presente estudo buscamos como objetivos específicos abordar o gênero cordel e sua importância com a cultura popular nordestina, conhecer e valorizar a cultura popular e refletir sobre a desvalorização e a marginalização do gênero cordel.

3.2 Proposta para aplicação

A sequência didática planejada objetivou promover um contato mais efetivo entre discente e texto literário, abrindo espaço para o desenvolvimento de uma visão mais crítica por parte dos alunos frente ao texto literário e a realidade da qual eles fazem parte.

Com base em Bordini e Aguiar (1993) e em Cosson (2009), partimos do que era familiar para os alunos e por meio das leituras e atividades realizadas, enfatizamos o protagonismo do alunado, pois, assim, aquilo que ele estuda torna-se significativo e, conseqüentemente, apreensível.

Na linha do “Método Recepcional”, apresentado por Bordini e Aguiar (1993) desenvolvemos leituras compreensivas e críticas, que instigam os alunos a ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem; questionamos as leituras efetuadas em relação ao próprio horizonte cultural do aluno e propomos atividades para que os alunos ampliassem seus horizontes em relação ao cordel.

3.3 Descrição da sequência didática aplicada

As atividades propostas na sequência didática (SD) foram sistematizadas com o objetivo de apresentar a literatura de cordel de maneira lúdica e prazerosa. Ademais, a SD buscou despertar nos alunos a valorização da cultura popular, leitura das lendas e dos cordéis.

Antes de iniciar as descrições do que foi planejado e aplicado na SD, comentaremos acerca da proposta de letramento literário de Cosson (2009), na qual embasamos a SD. Em *Letramento literário: teoria e prática*, Cosson (2009) apresenta discussões bastantes pertinentes no que diz respeito ao ensino de literatura. De acordo com o mesmo, há atividades para trabalhar o texto literário, fazendo com que o leitor se interesse mais pela leitura. A abordagem de Cosson, certamente, se diferencia das práticas tradicionais, que exploram o texto literário de forma fragmentada e descontextualizada, a partir de trechos presentes em livros didáticos. Além disso, nas práticas tradicionais, o texto literário muitas vezes é utilizado como pretexto para o estudo conteudístico, inclusive de outras disciplinas.

Em meio às suas reflexões, Cosson propõe a abordagem do texto literário em sala de aula, visando ao letramento literário, isto é, a inserção da literatura nas práticas sociais dos indivíduos, fazendo com que a leitura literária se torne um hábito, tendo em vista a sua importância para o desenvolvimento não apenas de um leitor, mas de um cidadão consciente de seus direitos e deveres na sociedade. Tendo isso em vista, o autor nos apresenta duas metodologias, a sequência básica e a sequência expandida. As etapas da sequência básica, conforme o autor, são as seguintes:

Quadro 1 - Sequência básica

- Motivação
- Introdução
- Leitura
- Interpretação

Fonte: (Adaptado de COSSON, 2009)

Já as etapas da sequência expandida, são:

Quadro 2 - Sequência expandida

- 1 Motivação
- 2 Introdução
- 3 Leitura
 - 3.4 Primeira interpretação
 - Tipos de contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática)

3.5 Segunda interpretação

- Diferente da primeira interpretação, a segunda interpretação visa uma leitura aprofundada de um de seus aspectos (personagem, temática, etc.).

3.6 Expansão (Estabelecer relação com outras obras)

3.7 Avaliação

Fonte: (Adaptado de COSSON, 2009)

De acordo com Cosson (2009), a sequência básica está naturalmente inserida na sequência expandida. Assim, cabe ao professor de literatura estabelecer até onde pode ir com seus alunos, quais os passos que seguirá dentro da sequência. O autor enfatiza que não pretende estabelecer um caminho único que vá de uma a outra sequência. Ele deseja que o professor perceba que, entre as duas, outras tantas podem ser criadas. Havendo, assim, a possibilidade de extrapolar a sequência expandida.

Outro aspecto importante que o autor ressalta é a avaliação. Cosson (2009) salienta que concorda com as teorias contemporâneas no que se refere à avaliação que, por exemplo, no âmbito da produção textual, deve-se “buscar interlocutores efetivos na escritura e reescritura de textos” (COSSON, 2009, P. 112). Igualmente, ele rejeita a “excessiva preocupação com a ortografia e a forma do texto em detrimento do registro daquilo que o aluno deseja dizer” (COSSON, 2009, P. 112). Isto é, na perspectiva de letramento literário de Cosson, as regras formais da língua e a abordagem descontextualizada ficam para segundo plano. O foco do mesmo é a contextualização, a finalidade atribuída a uma determinada produção textual. Para escrever um bom texto, com inspiração, o aluno precisa ver naquele ato de um interlocutor, de alguém que se aproprie do seu texto. Que atribua ao mesmo sentido. Senão a prática tornar-se-á extremamente mecânica e ineficaz.

Quanto às regras gramaticais, para o autor, elas não são tão importantes quanto a apreensão do conteúdo de um texto-base e a intencionalidade do aluno em dizer aquilo que ele disse. Isto é, o principal foco do letramento literário é envolver o aluno profundamente com a obra que contém, em si, informações cruciais sobre a vida, a natureza, a cultura, as emoções, etc. A literatura, dentre várias definições e perspectivas, é uma imitação da realidade. Ampliar, de forma satisfatória, a visão de mundo do aluno, por meio da mesma, é um caminho eficaz. Ou, talvez, em determinada perspectiva, o único caminho.

Quanto aos outros elementos da sequência básica e expandida mencionados acima, temos o seguinte: de acordo com Cosson (2009), inicialmente, o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Ela consiste em preparar o aluno para entrar no

texto. O sucesso inicial da relação entre leitor e obra depende dessa primeira etapa. O autor indica que uma aula seria suficiente para essa parte.

Quanto à introdução, temos a apresentação do autor e da obra e, independentemente da forma utilizada para introduzir a obra, o autor sugere que o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos seus alunos. Para além disso, nessa etapa é indicado comentários sobre a temática, abordando algum aspecto específico; é indicado, nessa etapa, também, por Cosson, a leitura das primeiras páginas em sala, para apresentação das personagens principais, assim como a leitura de prefácio, orelhas e outros textos que constituem a apresentação do livro, etc.

Com relação à etapa da leitura, é indicado que seja feita, como prioridade, de forma extraclasse, dependendo da disponibilidade dos alunos da turma. Outro aspecto é a intervenção do professor ao analisar se o processo de leitura e apreensão dos alunos. Assim, além de estabelecer prazos (que é importante, convenhamos), o professor precisa estabelecer intervalos de leitura em que estes são também momentos de enriquecimento do texto principal, com leituras de textos que se relacionem com o texto principal que está sendo lido. A participação dos alunos e as conexões que eles conseguem fazer, são importantes ao mostrarem a efetividade da leitura que está sendo feita extraclasse.

No que diz respeito à interpretação, ela constitui-se das inferências para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. Cosson ressalta que o importante na interpretação é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e consiga relacioná-la a fatos de sua vida de forma concisa, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores do ambiente escolar.

Como já é sabido, a sequência básica é mais simples que a expandida. Na interpretação da expandida, surgem elementos que fazem com que o estudo da obra seja mais complexo. Por exemplo, enquanto na sequência básica tem-se uma interpretação que pode ser estendida ao longo de uma única aula, por meio de debates com os alunos, a expandida frisa mais de uma etapa de interpretação (a primeira e a segunda, porém, cabe ao professor estabelecer os limites) e, dentro delas, alguns elementos/direcionamentos. Na primeira interpretação, temos, inicialmente, a contextualização, que seria a análise de contextos que a obra traz consigo. Assim, temos o contexto teórico, histórico, estilístico, poético, crítico, o presentificador (no qual o aluno é direcionado a estabelecer relação da obra com seu contexto social, evidenciando a atualidade do texto) e o temático. Em cada um deles, há diversos elementos para serem discutidos. Assim, cabe ao professor estabelecer o tempo adequado que precisa para se trabalhar

cada um dos elementos contextuais.

Quanto à segunda interpretação, ao contrário da primeira que busca a apreensão global do texto, nesta a ênfase recai no estudo de um de seus aspectos. Essa abordagem pode estar focada num personagem, tema, traço estilístico, questões históricas, etc.

Após a interpretação, tem-se a expansão, onde se estabelece relações entre a obra lida e outras anteriores que se relacionam com a mesma. Assim, ela busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam, que são contemporâneos, ou posteriores. (COSSON, 2009, p. 94). Como o próprio Cosson (2009) ressalta, com o Cortiço, por exemplo, é possível estabelecer relações intertextuais com obras como *O crime do Padre Amaro*, *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, etc.

Por fim, temos a avaliação como citado anteriormente. É importante destacar que ambas sequências se confundem, pelo fato de caminharem pelos mesmos caminhos, porém há uma grande diferença, que é o fato da profundidade das abordagens. Enquanto à sequência básica, com o próprio nome diz, aborda o básico, a expandida vai além, analisando as minúcias da obra e estabelecendo diversas conexões.

As metodologias apresentadas são imprescindíveis para o trabalho com a literatura em sala de aula e abre a possibilidade para o desenvolvimento do letramento literário. Esta perspectiva é inovadora, como se pode perceber, ao se desviar do ensino tradicional, onde o foco se desvia do estrutural e mecânico, para o contextual e dinâmico.

Foi nessa perspectiva de Cosson (2009), como dito, que foi pensada a sequência didática aplicada em 2022, com alunos do 6º ano do ensino fundamental II, de uma escola pública, como salientado anteriormente. E o tipo de sequência priorizado foi a básica, levando em consideração, principalmente, a quantidade de encontros - que foram suficientes para o trabalho ter sido desenvolvido de forma efetiva.

Assim, a SD foi dividida em sete encontros. O trabalho em sala de aula foi iniciado a partir de uma sondagem sobre os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero cordel. Para tanto, realizamos a seguinte dinâmica: Colocamos sobre cada mesinha dos alunos um folheto de cordel de autores e assuntos diferentes: *chapeuzinho vermelho* (Manoel Monteiro), *João Grilo*, (João Ferreira Lima), *lampião: o capitão do cangaço* (Gonçalo F. da silva), *o velho chico no sertão* (Moisés aboiador), *Comidas típicas do nordeste* (Abdias campos), *Centenário do rei do baião Luiz Gonzaga* (Ivaldo Batista). Em seguida, solicitamos que os alunos pegassem o cordel e observassem a capa, o nome do autor e do ilustrador/xilogravurista, assunto abordado, como o texto aparece nas páginas (em verso? Em prosa?). Depois lançamos algumas perguntas

para a turma:

- Vocês conhecem este tipo de gênero textual?
- Alguém já leu?
- Você sabe por que os folhetos são chamados de cordel?
- Qual o assunto abordado?
- Onde podemos encontrar esse tipo de gênero textual?

Depois que dialogamos com a turma, procedemos a leitura de um dos folhetos sobre a lenda “A lenda do curupira” do autor Jerson Brito. Após a leitura, realizamos algumas perguntas sobre a história apresentada no cordel a fim de compararmos com a lenda de maneira que os alunos pudessem reconhecer que o Cordel e a lenda possuem semelhanças como a linguagem predominantemente oral, os temas sobre personagens do folclore brasileiro. As diferenças como, meios/formas de circulação, também foram tratadas: Vocês conhecem a personagem retratada no cordel? Já leram essa história? Qual o nome dado a este tipo de história? Onde podemos encontrar essas histórias?.

Em seguida, realizamos a leitura da lenda retratada no cordel. Depois pedimos para os alunos, em pequenos grupos, listarem as semelhanças e diferenças entre os dois textos. Por último, um representante de cada grupo leu as semelhanças e diferenças identificadas entre o cordel e a lenda.

No encontro dois, trabalhamos com os alunos a literatura de cordel e sua relação com a região Nordeste, de modo a valorizar a cultura Nordestina. Abordamos o cordel como literatura social e regionalista, as temáticas, o caráter informativo do “cordel notícia”, o espaço de circulação dos folhetos (nos mercados, nas feiras, nos serões familiares), a marginalização desse gênero literário. Ainda nessa aula, passamos o vídeo do Youtube “O caso da lenda Comadre Fulozinha” (<https://youtu.be/KcxO11H7KSY>).

No encontro 3, realizamos a atividade de pesquisa das lendas pelo celular. A turma foi dividida em seis grupos e cada grupo deveria pesquisar no celular uma lenda que gostasse ou achasse interessante. Depois, os alunos apresentaram por meio de leitura em voz alta as lendas pesquisadas. Em seguida, houve um debate sobre as lendas e conversas entre os grupos e o professor. Por último, os alunos criaram ilustrações para as lendas no modelo das xilogravuras presentes nos cordéis. Antes porém da atividade de ilustração, a professora pesquisadora foi mostrando nos cordéis apresentados na primeira aula, as características da xilogravura.

Já no encontro 4, foi apresentada a parte da estrutura do cordel, como as rimas, versos e estrofes. Após isso, os alunos foram instigados a fazer a leitura oral do cordel “Lampião: o capitão do cangaço” obedecendo as rimas, o ritmo e a entonação característica. Para tanto, as estrofes do cordel foram distribuídas entre os alunos e depois de uma leitura silenciosa, eles foram lendo em voz alta para toda a turma.

No encontro 5, trabalhamos as relações e as características similares e diferentes entre as lendas e o cordel. Além disso, houve uma atividade em dupla para fixação do conteúdo, para que os alunos criassem uma estrofe de cordel a partir de uma das lendas pesquisadas, observando que os dois gêneros são manifestações populares; nos dois gêneros predomina a oralidade; os dois gêneros são dinâmicos e vem passando por mudanças formais e temáticas; a lenda comumente aparece escrita em prosa enquanto o cordel é escrito em versos e estrofes.

No 6 encontro, foi realizada a produção textual dos alunos, no qual transformaram as lendas pesquisadas em cordel para apresentarem em sala de aula. Vale ressaltar que apesar de ser trabalhada em sala toda a estrutura do cordel, a sequência não levou à risca as regras gramaticais, e estruturas do cordel, visto que a proposta era que os alunos despertassem o interesse pela leitura, e pela produção do gênero. Ainda mais, a proposta levou em consideração a escrita com sentido e significado, visto que a apresentação era além da sala de aula, pois foi apresentada no evento de São João no auditório da escola, incentivando assim os alunos a trabalharem a oralidade, e a convivência em sociedade.

E para finalizar, o último encontro foi a apresentação oral das produções dos cordéis em sala de aula.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 A recepção pelos alunos da proposta de trabalho com o cordel e as lendas

Com relação às perguntas para sondagem do conhecimento dos alunos sobre o gênero cordel, observamos que alguns dos educandos disseram que já conheciam o gênero, inclusive de forma afirmativa, alguns responderam: “eu já fiz um professora”. Após essa fala, outros que, inicialmente, disseram que nunca tinham ouvido falar, começaram a se questionar “o que era? E como se fazia? ”. Após isso, percebemos que a maioria teve curiosidade em saber mais sobre o gênero textual cordel. Dessa forma, foi continuada a sondagem e solicitado aos que afirmaram ter conhecimento sobre o gênero que explicassem de forma breve para os demais colegas de

sala. Assim foi dado uns minutinhos da aula para que eles dialogassem. Nesse momento houve conversas e interesse em saber como era o gênero e o que abordava.

Em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire afirma que ensinar exige liberdade e foi exatamente isso o que foi explorado na aplicação do planejamento em questão. O principal intuito do planejamento foi exatamente, através do diálogo, desenvolver a criticidade e criatividade dos discentes. Segundo Freire:

A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? **Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não.** A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2002, p. 55).

A autonomia, conforme afirma Paulo Freire, é um processo. Esse processo inicia-se instigando os alunos para a tomada de atitude. Essa metodologia esteve sempre presente na nossa prática em sala de aula.

Irané Antunes em *Aula de português: encontro e interação (2008)*, discorre sobre os quatro principais eixos do ensino de língua portuguesa, a saber, leitura, oralidade, gramática e escrita. A autora discute as formas ineficazes e arcaicas de se trabalhar esses pilares e, em contraposição, às formas mais eficazes e, por isso, mais interativas. Assim, o trabalho desenvolvido priorizou a leitura, escrita e fala, vamos nos deter brevemente em torno deles. No que tange a leitura, a autora ressalta que o seu pouco espaço nas aulas de Língua Portuguesa deve-se ao fato de ela ser considerada pela maioria dos professores como uma prática que, durante a aula, pode atrapalhar o desenvolvimento das aulas, pois toma bastante tempo e que as aulas de Gramática precisam ser privilegiadas. Mas, conforme a autora pontua, é importantíssimo praticar a leitura em sala. Essa prática precisa ser estimulada, incentivada, e trabalhada. O prazer de ler precisa ser o foco. O aluno precisa encontrar o que lhe interessa e mergulhar no universo da leitura. Isto, é claro, mediado pelo professor. Levando isso em consideração, priorizamos entusiasmar os alunos para a leitura dos cordéis e das lendas, que antecipou as produções dos cordéis. E, de fato, quando há o interesse por parte dos alunos, as

aulas fluem, assim como a aprendizagem.

Vale ressaltar, que os principais problemas enfrentados pelos alunos na educação básica são a falta de competência na leitura e na escrita. Estas habilidades são básicas. Muitos alunos saem do ensino básico sem o domínio satisfatório de ambas. Comungamos com a autora ao destacar a importância do trabalho com a leitura em sala, principalmente por ela ser o pré-requisito para a boa escrita. Assim, nota-se a importância do planejamento em questão.

No que tange à escrita, Antunes (2003) crítica a prática em sala de forma improvisada, sem planejamento, sem revisão. Para a mesma, a escrita só faz sentido se for pensada de forma ampla. Se tiver funcionalidade. Se for contextualizada. A escrita precisa ter uma finalidade e isto precisa ser explorado em sala. Foi pensando nisso, que a produção dos cordéis dos estudantes tiveram o objetivo de transpor o espaço da sala de aula. A professora pesquisadora deu aos alunos uma finalidade ampla na produção dos cordéis, que no caso, suas produções não seriam apresentadas apenas em sala, mas também para toda a escola no evento de “São João”. Assim, observamos que os alunos apresentaram desde o início envolvimento e interesse nas atividades propostas.

4.2 Experiências com a leitura do cordel e da lenda a partir do interacionismo

A primeira leitura da lenda “A mula-sem-cabeça” em forma de cordel foi realizada pela professora para que os alunos tivessem contato com o ritmo, as rimas e a entonação características do cordel. Antes deste momento de leitura, foi distribuído a cada aluno uma cópia do cordel para que todos acompanhassem a leitura.

Com relação às perguntas sobre a história apresentada no cordel, os alunos reconheceram de imediato a lenda ‘A mula-sem-cabeça’. Em seguida passamos a destacar na letra do cordel os marcos da oralidade comum no gênero, e além disso, as características do personagem retratado. Todos participaram ativamente. Foi possível perceber o compartilhamento de conhecimentos e ideias entre os alunos. A troca de experiências, assim como a reflexão sobre essa prática de leitura em conjunto, contribuem para que os alunos fortaleçam os vínculos entre si e aprendam a ouvir e respeitar a opinião do outro, desafio nas turmas do 6º ano, devido talvez a faixa etária e ao fato de estarem na fase de transição entre a infância e a adolescência.

A escolha pelo trabalho dos alunos em grupo durante o processo de leitura do cordel e das lendas, bem como durante as atividades de desenho e escrita, baseou-se no interacionismo

social. Conforme Vygotsky (1994, 2002) a interação é propiciadora de aprendizagem. Como seres sociais, os seres humanos aprendem melhor na interação com os outros do que isoladamente, pois o desenvolvimento humano está intimamente relacionado com o meio no qual se insere. Assim, as práticas em grupos foram imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem em questão.

Com Vigotski (1994, 2002) notamos que o sociointeracionismo é um caminho importante a ser seguido nas propostas pedagógicas da escola. Essa proposta, como sabido, valoriza as atividades em grupo, o relacionamento interpessoal, etc., quando parte do pressuposto de que o desenvolvimento histórico acontece do social para o individual.

O modelo pedagógico de Vygotsky mostrou que o professor deve mediar os avanços dos alunos, explorando a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que é um conceito que, de acordo com sua teoria, refere-se a uma zona que se encontra entre o que o aluno sabe (desenvolvimento real) em relação àquilo que ele pode saber a partir do que ele já sabe (desenvolvimento potencial), visando caminhos para ajudá-lo a chegar aonde ele deve chegar (desenvolvimento proximal), em termo de conhecimento, amadurecimento.

Assim, a escola deve ser um espaço que oportunize a troca de experiência e aprendizagem, estimule a colaboração e a troca de pontos de vista, sempre com o intuito de um ensinar ao outro, na construção do conhecimento, de forma significativa, o aluno tem a oportunidade de construir relações, argumentar, pensar, questionar e conseqüentemente adquirir vivências. Para tanto, é importante que o professor tenha atenção à zona de desenvolvimento proximal do aluno, elaborando atividades coerentes de acordo com os níveis de desenvolvimento real e potencial dos estudantes.

Sobre o desempenho dos alunos no ato das leituras, destacamos: o envolvimento das equipes, o silêncio (algo quase raro em sala), os comentários entre eles, como: “eii, tu já vai aonde? ”, “Tu já leu essa parte”, por vezes, risadas. Notamos que a maioria dos alunos demonstrou interesse pelos gêneros literários cordel e lenda. Após realizarem a leitura, começou o debate entre os grupos. Em cada equipe um aluno ficou responsável por falar sobre os cordéis distribuídos pela professora, nesse momento, surgiram vários comentários sobre o cordel “chapeuzinho vermelho”, em relação ao qual a maioria disse ter lido a história, mas, não da forma em cordel. Outros gostaram do de “Lampião”, pois seus familiares já tinham falado dessa história para eles, mas nunca tinham visto e nem lido sobre.

Segundo Andrade (*apud* Marcuschi, 2001): “A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais

fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso”. Nesse sentido, trabalhar a oralidade com os alunos, vai muito além da fala, é preciso criar situações reais que possibilitem ao aluno ter a oportunidade de argumentar, pensar, e refletir sobre sua fala e seus argumentos no cotidiano. No planejamento em questão os alunos foram conduzidos a praticarem a fala, por meio de debates, rodas de conversas e apresentações orais.

4.3 Leitura das lendas

A leitura da lenda retratada no cordel durante a primeira aula foi apreciada pelos alunos. Muitos já conheciam a lenda e só não sabiam que ela poderia ser apresentada em forma de cordel. No momento de listar as semelhanças e diferenças entre os dois gêneros, os alunos demonstraram dificuldades, mas a professora pesquisadora foi mediando de grupo em grupo. Por último, um representante de cada grupo leu as semelhanças e diferenças identificadas entre o cordel e a lenda.

Já na pesquisa das lendas foi utilizado o celular em sala de aula, a turma foi dividida em cinco grupos em função do número de celular presente na sala e os alunos foram orientados a pesquisar sobre uma lenda. Quando cada grupo escolheu a lenda, a professora solicitou que a secretaria fizesse a impressão das cinco lendas para que todos os grupos acompanhassem a leitura e discussão. Depois da discussão, cada grupo foi orientado a elaborar algumas estrofes de cordel a partir da lenda.

4.4 Análises das atividades desenvolvidas em cada aula/ práticas de produção textual com o gênero literário cordel

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma das 10 competências, especificamente a 3ª aborda a questão do repertório cultural, (BRASIL 2018) "É importante criar oportunidades para que os estudantes tenham acesso às artes, aos bens culturais, à dança, à música, às exposições, desenvolvendo a capacidade de apreciar a arte e também serem produtores de arte e cultura. ". Assim, a BNCC aborda nesse quesito, a importância dos alunos terem contato com as mais diversas manifestações culturais, seja local ou mundial, além disso é essencial que eles reconheçam e valorizem a importância das mesmas.

Foi nesse pensamento que a sequência didática visa abordar a literatura de cordel em

sala de aula, assim, utiliza como suporte os cordéis e lendas que objetivou valorizar a cultura popular. Nesse quesito, as atividades em sala de aula buscaram a criatividade dos alunos, o companheirismo em equipe, a troca de conhecimentos e habilidades, além disso, buscamos incentivar o protagonismo do aluno, trabalhar a oralidade e ativar o seu modo pesquisador. Conforme defende Moura, Barbosa e Moreira (2008, *Apud* PORTILHO & ALMEIDA, 2008):

Sem dúvida a pesquisa escolar é um relevante instrumento metodológico de ensino aprendizagem, sendo que, através dela é possível desenvolver ações que levem a interdisciplinaridade, palavra de ordem no atual contexto educacional. Sua utilização induz ao desenvolvimento de competências e habilidades indispensáveis à formação do educando. Sua prática permite que o aluno aprenda ao transformar informação em conhecimento. (MOURA, BARBOSA & MOREIRA, 2008 *Apud* PORTILHO E ALMEIDA, 2008, p.19).

Dessa forma, pensando nessa perspectiva de aluno pesquisador, a produção textual dos alunos foi um processo de retextualização das lendas para o gênero cordel, que foram elas: *O velho do saco*, *A Iara*, *Cumade Fulozinha*, *Vitória – Régia* e *O Curupira*. A escrita foi realizada da seguinte forma: os alunos pesquisaram as lendas em sala de aula, tiveram o momento da leitura das lendas e discutiram em equipe sobre o assunto da lenda, as características das personagens, o lugar onde se passa a história. Em seguida, a partir do que havia estudado no quarto encontro da sequência didática sobre o gênero cordel, os alunos retextualizaram as lendas para o cordel. Durante o processo de produção textual, a professora pesquisadora passava de grupo em grupo orientando os alunos a trocaram palavras, versos, procurar sinônimos das palavras, pois a produção foi totalmente em sala, visto que se deixassem os alunos produzirem em casa corria o risco de copiar cordéis prontos da internet, já que a proposta era justamente que o aluno despertasse a criatividade, o senso crítico, e a interação em grupo.

Para a produção, foi escolhida as estrofes em quadra, visto que por ser uma turma do 6º ano, não poderia ser algo tão denso. Para finalizar, os alunos apresentaram, em sala, os cordéis produzidos. No momento da apresentação, a maioria prestou bastante atenção, assim como, teve alguns grupos que não quiseram apresentar, por timidez, e falta de segurança na oralidade mesmo. Esse fato demonstra, mais uma vez, a importância de promovermos situações em sala de aula, para que os alunos façam uso adequado da oralidade em diferentes contextos.

Notamos que os alunos tiveram muita dificuldade em rimar as palavras, alguns na própria leitura das lendas, visto que por serem turmas de 6º ano ainda vem com várias deficiências de leitura. Além disso, a relação entre os alunos nos grupos por vezes fugia do

controle, isso quer dizer que alguns dos grupos faziam muito barulho, atrapalhando as outras equipes, sendo necessária a intervenção da professora para que amenizasse o barulho. Apesar das dificuldades, a grande maioria se envolveu com a produção, mostrando outras habilidades, como por exemplo, companheirismo, agilidade na pesquisa e facilidade em rimar.

Segue as imagens abaixo do processo de leitura das lendas e escrita dos cordéis:

Figura 1 – Processo de leitura e escrita do cordel



Fonte: Arquivo pessoal: as fotos foram autorizadas pelos pais dos alunos.

As imagens apresentam o processo de escrita dos cordéis, nesse momento havia conversa, debate sobre a lenda escolhida, nota-se também, que algumas das alunas estão conversando e outras escrevendo, é justamente nesse momento que vemos o companheirismo da equipe e a importância de trabalho em grupo, pois enquanto umas estavam discutindo e fornecendo ideias as outras estão produzindo e escrevendo.

Segue abaixo os trechos de alguns cordéis produzido pelos alunos:

CORDEL DA CUMADE FULOZINHA

Falarei de Naia
 Uma linda flor,
 Transformada por jaci
 Meu primeiro amor.

Sou da floresta
 Gosto de sair
 Apreciar a lua
 Chamada jaci.
 [...]

CORDEL DA VITÓRIA - RÉGIA

Desde que nasceu,
 Já era maltratada.
 E sua mãe morreu.
 E pelo pai não era amada.

O pai de Fulozinha
 A usava como escrava.
 E batia nela por qualquer coisinha
 Ficava roxa de tanto que apanhava!
 [...]

É importante destacar que não foi levado à risca as regras e estruturais gramaticais para a produção dos cordéis, visto que por ser uma turma de 6º ano, e levando em consideração que muitos ainda não tinham tido contato com o gênero textual o objetivo é que eles conhecessem esse tipo de texto, tivesse contato com a leitura e produção textual.

Figura 2 – Processo de produção do cartaz para apresentação em sala



Fonte: Arquivo pessoal: as fotos foram autorizadas pelos pais dos alunos.

A imagem apresenta o processo da confecção do cartaz para apresentação em sala de aula. Nesse momento, vemos novamente os alunos produzindo e trabalhando de forma significativa, empenhados e empolgados com a apresentação.

Segue as fotos das apresentações em sala:

Figura 3 – Apresentações em sala dos cordéis



Fonte: Arquivo pessoal: as fotos foram autorizadas pelos pais dos alunos.

As fotos foram tiradas após as apresentações em sala a pedido das equipes, pois relataram estarem nervosos, além disso, alguns dos alunos não quiseram participar da foto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo enfatiza a complexidade do ensino e do processo de leitura e escrita, evidenciando a necessidade de sensibilidade, paciência e orientação por parte do professor. O planejamento cuidadoso e a definição de objetivos claros para cada atividade em sala de aula são fundamentais, levando em consideração diferentes perspectivas, os conteúdos e ações que devem ser priorizados e alcançados.

Dessa forma, neste trabalho observou que após a implementação da sequência didática, com a mediação da professora pesquisadora, as orientações em sala de aula, foi possível perceber que os alunos muitas vezes precisam de um incentivo maior por parte do professor também, acreditando no potencial e protagonismo dos alunos. Foi constatado que, apesar das dificuldades, os alunos se dedicaram, pesquisaram e conseguiram produzir os cordéis, participando ativamente tanto da leitura quanto da produção do gênero.

Além disso, os alunos demonstraram interesse a todo momento tanto pelos gêneros textuais cordel e lenda, como também pelos conteúdos abordados por esses textos, assim, resgatando e valorizando a cultura popular em sala de aula. Quanto à literatura de cordel em sala de aula, é destacada a importância desse gênero, que, por apresentar rimas, versos e musicalidade, torna a leitura menos cansativa e é percebida pelos alunos como algo positivo. Ficou evidente que os alunos passaram a ver a literatura como algo prazeroso, mesmo tendo tido poucas experiências anteriores com o gênero, geralmente limitadas ao cumprimento do currículo escolar.

Ao analisar o uso do cordel em sala de aula, tratou-se da importância de abordar esse gênero, observando o desejo dos alunos em conhecer e produzir nesse estilo literário. A metodologia utilizada pela professora pesquisadora, iniciando com o texto, a leitura, a divisão em equipes, os debates, as conversas e as rodas de leitura, além da pesquisa, foi fundamental para abordar a estrutura do gênero e a escrita do texto. Essa metodologia de encantar os alunos com a leitura e sondar seus conhecimentos prévios sobre o gênero é de extrema importância, despertando sua curiosidade e o instigando a se dedicar para o que será desenvolvido em sala.

É importante ressaltar que a leitura e a escrita precisam ter propósitos objetivos e claros para que os alunos se sintam não como seres passivos na sala de aula, mas como construtores de conhecimento, pessoas interativas que podem contribuir para a construção do saber, da criticidade e da convivência social. Utilizar a leitura como ponto de partida antes de qualquer atividade relacionada ao gênero textual é um passo importante para torná-la menos cansativa,

enriquecedora, instigante e motivadora para os alunos. Fato este, observado em sala de aula quando os alunos agiram como protagonistas pesquisando sobre as lendas para a produção dos cordéis.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.
- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006. (Paradidáticos, série Cultura, coordenação de José Luís C. T. Ceccantini).
- ANDRADE, M. E. B. de; SILVA, I. J. M. da. Letramento(s) e o processo de alfabetizar letrando: **concepções de gestores e professores do ciclo da alfabetização**. In: CEDUCE, 5, 2018, Rio de Janeiro. Anais, Niterói: Editora da UFF, 2018.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro & interação**. São Paulo. Editora Parábola. Ed. 3. 2003.
- AYALA, Maria Ignez Novais. “**Aprendendo a apreender a cultura popular**” In: Pesquisa em literatura. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRITO, Gerson. **Recanto das letras**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6307509>. Acesso em: 01/05/2023
- COSSON. **Letramento Literário: Teoria E Prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LIMA, Sirlia. **Recanto das letras**. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4371429> Acesso em: 01/05/2023.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2aed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOURA, D. G.; BARBOSA, E. F.; MOREIRA, A. F. **O aluno pesquisador. In: Educação & Tecnologia**. n. 2. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2008.
- ROJO, Roxane. **Letramentos escolares múltiplos, e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.
- SILVA, E. R. **Cordel: uma experiência em sala de aula**. Catolé do Rocha-PB, 2013.
- SOUSA, Maria Ribeiro. **O cordel na sala de aula: a resignificação do ensino de língua portuguesa**. Universidade Estadual da Paraíba, 2014.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A – CORDEL DA CUMADE FULOZINHA

Desde que nasceu,
 Já era maltratada.
 E sua mãe morreu.
 E pelo pai não era amada.

O pai de Fulozinha
 A usava como escrava.
 E batia nela por qualquer coisinha
 Ficava roxa de tanto que apanhava!

Um belo dia cansada de apanhar,
 Reuniu sua coragem
 Fugiu para uma floresta,
 E achou um esconderijo que lhe deu vantagem.

Mas a coitadinha perdeu a vida,
 E até hoje ela protege a floresta nordestina,
 Virando assim uma lenda,
 Que todos dizem que é uma menina.

Fumo é seu presente favorito,
 São as travessuras da menininha,
 Trançar os cabelos dos cavalos e surras de cipó.
 Então corra, e dê fumo para a garotinha.

Essa é a lenda da Fulozinha,
 Cuide da natureza,
 E lhe ofereça fumo,
 Pois ela gosta que é uma beleza.

APÊNDICE B – CORDEL DA DA VITÓRIA-RÉGIA

Falarei de Naia
 Uma linda flor,
 Transformada por jaci
 Meu primeiro amor.

Sou da floresta
 Gosto de sair
 Apreciar a lua
 Chamada jaci.

Moro em uma vila,
 e quando a lua começa a sair,
 perto de um lago que tem lá,
 eu vou correndo vê jaci.

Quando o sol se põe,
corro sem parar,
para vê a princesa jaci,
a pessoa que quero amar.

Queria vê o luar,
corro, corro sem parar,
ao cair para descansar
pulo sem cansar.

Ignorada por jaci,
Triste começo a ficar,
Mas não tem um dia,
Que corro sem parar.

E logo de manhã,
Bela tenho que ficar
Porque os bravos guerreiros,
Comigo querem ficar.

Essa lenda é da jaci,
Se gostaram de ouvir,
Levante e bate palma,
Para assim, nos aplaudir.

APÊNDICE C- CORDEL DO VELHO DO SACO

Quando ouço falar
do velho do sacco
Já vem logo na mente,
um velho com um casaco,
que causa arrepio na gente.

Um homem misterioso
Sempre com um sacco nas costas,
assustador e furioso,
Que carrega as crianças teimosas.

Essa lenda surgiu no folclore;
lá pro lado da europa,
as crianças tinham medo que da dó,
por isso se escondiam em tropa.

Ele oferece balas,
para as crianças conquistar,
mas seu plano ele não fala,
que é tirar seu figado e matar.

APÊNDICE D – CORDEL DA IARA

Iara é um lindo nome,
 uma fascinante donzela
 que leva os apaixonados
 a seguirem sem cautela.

Seu canto maravilhoso
 nas profundezas dos rios,
 com seus olhos bondosos,
 e seus cabelos macios.

Uma índia de cabelos negros
 que vive sempre a cantar,
 a tarde senta numa pedra
 para os cabelos pentear.

Se chegares perto,
 ela o enfeiteçará
 com seu canto misterioso
 teu olhar prenderá

E ficarás preso
 com o brilho do seu olhar.
 Essa é a lenda da Iara
 Para assim te encantar.

APÊNDICE E- SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA

Sequência didática

Escola: Severino Agostinho, Alcantil – PB.

Série: 6 ° ano.

Professora: Karla Maria dos Santos Araújo

Duração da aplicação: 7 encontros, totalizando 13 aulas.

Período: 01/06 ao dia 21/06/2022.

Tema: Literatura de cordel e lendas: Estudo das expressões culturais e literárias inerentes à cultura oral/popular

Conteúdos:

- Características históricas e formais dos gêneros lenda e cordel.
- Valorização da cultura oral/popular.
- Xilogravura.

Objetivo geral: Estudar e conhecer a Literatura de Cordel e as Lendas folclóricas, suas origens, desenvolvimento e estilos.

Objetivos específicos:

- ✓ Ler, obedecendo a aspectos da oralidade característicos dos gêneros lendas e cordeis
- ✓ Aprender o que é xilogravura e apreciá-las;
- ✓ Conhecer a riqueza da literatura de cordel;
- ✓ Produzir cordéis por escrito empregando algumas características do gênero.
- ✓ Utilizar da criatividade ao produzir o gênero cordel.
- ✓ Pesquisar sobre as lendas, a fim de explorar o protagonismo como pesquisadores.
- ✓ Produzir cordéis sobre as lendas lidas em sala de aula, utilizando-se como base.

Metodologia:

1 Encontro

Recursos didáticos:

- Lápis de quadro
- Folheto

Descrições das ações:

- Realizar a seguinte dinâmica: colocar sobre cada mesinha dos alunos um folheto de cordel de autores e assuntos diferentes: *Chapeuzinho Vermelho* (Manoel Monteiro), *João Grilo*, (João Ferreira Lima), *lampião: o capitão do cangaço* (Gonçalo F. da silva), *O velho chico no sertão* (Moisés aboiador), *Comidas típicas do nordeste* (Abdias campos), *Centenário do rei do baião Luiz Gonzaga* (Ivaldo Batista).
- Em seguida, solicitar que os alunos peguem o cordel e observem a capa, o nome do autor e do ilustrador/xilogravurista, assunto abordado, como o texto aparece nas páginas (em verso? Em prosa?). Depois lançamos algumas perguntas para a turma:
 - Vocês conhecem este tipo de texto?
 - Alguém já leu?
 - Você sabe por que os folhetos são chamados de cordel?
 - Qual o assunto abordado?
 - Onde podemos encontrar esse tipo de texto?
- Dialogar com a turma, realizar a leitura de um dos folhetos sobre a lenda “ A lenda do curupira” do autor Jerson Brito.
- Após a leitura, realizar algumas perguntas sobre a história apresentada no cordel a fim de compararmos com a lenda de maneira que os alunos pudessem reconhecer que o Cordel e a lenda possuem semelhanças como a linguagem

predominantemente oral, os temas sobre personagens do folclore brasileiro. As diferenças como, meios/formas de circulação, também foram tratadas:

- Vocês conhecem a personagem retratada no cordel?
 - Já leram essa história?
 - Qual o nome dado a este tipo de história?
 - Onde podemos encontrar essas histórias?
- Em seguida, realizar a leitura da lenda retratada no cordel. Depois pedir para os alunos em pequenos grupos listarem as semelhanças e diferenças entre os dois textos.
 - Por último, um representante de cada grupo irá ler as semelhanças e diferenças identificadas entre o cordel e a lenda.

Encontro 2

Recursos didáticos:

- Quadro
- Internet
- Notebook
- Data show

Descrições das ações:

- Trabalhar com os alunos a literatura de cordel, e sua relação com a região Nordeste, de modo a valorizar a cultura Nordestina.
- Abordar o cordel como literatura social e regionalista, as temáticas, o caráter informativo do “cordel notícia”, o espaço de circulação dos folhetos (nos mercados, nas feiras, nos serões familiares).
- Debater sobre a marginalização desse gênero literário. Ainda nessa aula passamos o vídeo do Youtube “O caso da lenda Comadre Fulozinha” (<https://youtu.be/KcxO11H7KSY>).
- Após isso apresentar o que são as xilogravuras.

3 - Encontro

Recursos didáticos:

- Lendas impressas
- Caderno
- Caneta/lápis
- Internet
- Celular
- Notebook

Descrições das ações:

- Realizar a atividade de pesquisa das lendas pelo celular.
- Dividir a turma em seis grupos e cada um dos grupos deve pesquisar no celular uma lenda que gosta ou ache interessante.
- Depois, os alunos devem apresentar por meio de leitura em voz alta as lendas pesquisadas. Em seguida, houve um debate sobre as lendas e conversas entre os grupos e o professor.
- Por último, os alunos devem criar ilustrações para as lendas no modelo das xilogravuras presentes nos cordéis. Antes porém da atividade de ilustração, a professora foi mostrando nos cordéis apresentados na primeira aula, as características da xilogravura.

4 - Encontro -**Recursos didáticos:**

- Notebook
- Data show
- Lápis de quadro
- Material sobre a estrutura impresso

Descrições das ações:

- Apresentar a parte da estrutura do cordel, como as rimas, versos e estrofes.
- Após isso, os alunos devem ser instigados a fazer a leitura oral do cordel “Lampião: o capitão do cangaço” obedecendo as rimas, o ritmo e a entonação característica.
- Distribuir as estrofes do cordel entre os alunos e depois de uma leitura silenciosa, pedir para eles ler em voz alta para toda a turma.

5 - Encontro**Recursos didáticos:**

- Caderno
- Lápis

Descrição das ações:

- Trabalhar as relações e as características similares e diferentes entre as lendas e o cordel.

- Após isso, aplicar uma atividade em dupla para fixação do conteúdo, para que os alunos criassem uma estrofe de cordel a partir de uma das lendas pesquisadas.
- Após isso, explicar para os alunos que os dois gêneros são manifestações populares; que predomina a oralidade; que são dinâmicos e vem passando por mudanças formais e temáticas; a lenda comumente aparece escrita em prosa enquanto o cordel é escrito em versos e estrofes.

6- Encontro

Recursos didáticos:

- Lendas impressas
- Caderno
- Lápis

Descrição das ações:

- Ler as lendas.
- Em seguida, produzir os cordéis através das lendas, em grupos de 6 alunos.

7- Encontro

Recursos didáticos:

- Cartaz
- Apresentar as produções dos cordéis.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006. (Paradidáticos, série Cultura, coordenação de José Luís C. T. Ceccantini).

Análise de gêneros e compreensão. 2aed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Lampião: o capitão do cangaço. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/lampiao-o-capitao-do-cangaco/>

Acesso em: 14/05/2022.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2aed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

O caso da lenda Comadre Fulozinha. Disponível em: <https://youtu.be/KcxO11H7KSY>. Acesso em 14/05/2022.

Recanto das letras. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6307509> Acesso em: 14/05/2022.

Anexos:

ANEXO A – A LENDA DO CURUPIRA – 1º ENCONTRO

Lenda do curupira
O folclore brasileiro
Possui lendas variadas,
Desde histórias assombrosas
Até as mais engraçadas.
Com sua licença trago
Uma das mais afamadas.

Florestas são habitadas
Por essa tal criatura
Que tem cabelo vermelho
E possui baixa estatura.
Além disso, é conhecida
Por gostar de travessura.

Na mencionada figura
Um detalhe é saliente,
Seguramente servindo
Pra despistar muita gente:
Os pés virados pra trás
E os calcanhares pra frente.

O rapazinho valente
Das matas é defensor,
Protegendo fauna e flora
Contra a fúria do agressor.
Não gosta de quem desmata,
Tampouco de caçador.

Quando algum explorador
Derruba, queima, destrói
Ou elimina animais,

Prontamente, ele se dói.
 Agindo dessa maneira
 Feito um legítimo herói.

Nos cenários que constrói,
 Ele apronta traquinagens
 Assobia, grita e uiva,
 Faz barulho nas folhagens,
 Galhos quebra, atira pedras,
 Simulando, assim, visagens.

É bom em criar imagens,
 Mas seu "hobby" preferido
 É fazer o malfeitor
 Ficar nas matas perdido.
 Isso acontece porque
 Confunde, se perseguido.

Como o rastro é invertido
 Quem o segue se dá mal,
 Pois toma o rumo contrário,
 Dele não vê nem sinal
 E não vai sair de dentro
 Da imensidão florestal.
 É isso, então, pessoal.
 Das pesquisas se retira
 O que acima está narrado.
 Será verdade ou mentira?!
 Não sei, mas fiz o resumo
 Da Lenda do Curupira.



Fonte: Arquivo pessoal

ANEXOS:

ANEXO A - A MULA SEM CABEÇA

Mitos e lendas em cordel: A mula sem
cabeça
Desde o século XII
Os padres têm uma rotina
De celebrar as missas
Usando sua batina
Mas não pode se casar
A igreja determina

Depois de muito pensar
Um padre do interior
Resolveu largar a igreja
Ir atrás do seu amor
Ao encontrar a sua amada
A mãe da moça sentiu pavor

A mãe da moça falou
Filha eu estou desesperada
Se você casar com um padre
Você será transformada
Numa mula sem cabeça
Essa história tão falada

Ao casar com padre
Uma mula vais virar
Seja marrom ou preta
Sei que é de assustar
Ela não tem cabeça
Só tem fogo em seu lugar

Mesmo assim os namorados
Resolveram se casar
Não deram importância

As crendices do lugar
Na noite de quinta para sexta
Puderam constatar

A mulher se transformou
Numa mula inclemente
Correndo atrás do povo
Do brilho da unha e do dente
Se avistar uma mula
Saia de sua frente

A mãe da moça sabia
Como quebrar o encanto
Puxou os arreios da mula
Puxando-os da boca pelo canto
O feitiço se quebrou
E a moça chorou em pranto

O casal de namorados
Conseguiu escapar
Mas é bom tomar cuidado
E não facilitar
Ao invés de um padre
Arranje outro para casar

Nas histórias do povo
Eu costumo acreditar
Dizem que ainda existem
Muitas mulas a rondar
E padres montados nelas
Sem o encanto quebrar

Autora: Sírliá Lima

ANEXO B - A LENDA DO CURUPIRA

O folclore brasileiro
Possui lendas variadas,
Desde histórias assombrosas
Até as mais engraçadas.
Com sua licença trago
Uma das mais afamadas.

Florestas são habitadas
Por essa tal criatura
Que tem cabelo vermelho

E possui baixa estatura.
Além disso, é conhecida
Por gostar de travessura.

Na mencionada figura
Um detalhe é saliente,
Seguramente servindo
Pra despistar muita gente:
Os pés virados pra trás
E os calcanhares pra frente.

O rapazinho valente
Das matas é defensor,
Protegendo fauna e flora
Contra a fúria do agressor.
Não gosta de quem desmata,
Tampouco de caçador.

Quando algum explorador
Derruba, queima, destrói
Ou elimina animais,
Prontamente, ele se dói.
Agindo dessa maneira
Feito um legítimo herói.

Nos cenários que constrói,
Ele apronta traquinagens
Assobia, grita e uiva,
Faz barulho nas folhagens,
Da imensidão florestal.

É isso, então, pessoal.
Das pesquisas se retira
O que acima está narrado.
Será verdade ou mentira?!
Não sei, mas fiz o resumo
Da Lenda do Curupira.

Galhos quebra, atira pedras,
Simulando, assim, visagens.

É bom em criar imagens,
Mas seu "hobby" preferido
É fazer o malfeitor
Ficar nas matas perdido.
Isso acontece porque
Confunde, se perseguido.

Como o rastro é invertido
Quem o segue se dá mal,
Pois toma o rumo contrário,
Dele não vê nem sinal
E não vai sair de dentro

Autor: Jerson Brito